

Rangel:

Ha tempos que ando para te dizer duma leitura que me pôs esbarrondado. *Lys dans la Vallée*, de Balzac, foi romance que sempre me afugentou por causa do sentimentalismo do titulo, mas agora, em falta de titulo de maior sugestão, fui-me a ele\_ e dele sai como quem sai dum mundo novo. Conheces Balzac? Se não leste o *Lys* posso afirmar que não, porque é ali que Balzac assume as proporções desmarcadas dum Shakespeare do romance. A principio me soou entediante e falsa a sua maneira de tratar o assunto; mas, breve, reconsiderando e mudando o sistema de ler\_ lendo-o como o fanático lê uma enciclica e não como *nós* lemos um romance, a voar de ideia em ideia dentro do carro do estilo\_ lendo e pensando, lendo devagar, lendo palavra por palavra, frase por frase, cheguei a ponto de le-lo dum modo novo: ler admirando, ler em extase, ler com espanto, ler bebendo as frases com o terror sagrado da beata que ingere a hostia. Porque Balzac\_ só agora o percebi\_ é o Grande Genio da literatura moderna. Compreendes? Balzac é o genio da alma moderna, como Shakespeare foi o genio da alma antiga. Penetrar, como Balzac o fez, no fundo do pensamento moderno, e pôr a nu todas as almas, quem mais que Balzac o fez? Meu entusiasmo é tanto que só tenho um conselho a dar-te: lê o *Lirio no Vale* e depois varre da tua cabeça o alfabeto, para que nunca mais nenhum livro venha profanar essa leitura suprema e ultima. Lê o *Lirio*, Rangel, e morre. Lê o *Lirio* e suicida-te, Rangel. Se não o tens aí, posso mandar-te o meu exemplar\_ e junto o revolver.

LOBATO